



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

IGOR FREITAS CARVALHO

ATÉ UM EXÍMIO OBSERVADOR TEM VISÕES ESCANDALOSAS:
A representação feminina no conto “A Scandal in Bohemia”, de Arthur Conan Doyle

PAU DOS FERROS

2023

IGOR FREITAS CARVALHO

ATÉ UM EXÍMIO OBSERVADOR TEM VISÕES ESCANDALOSAS:

A representação feminina no conto “A Scandal in Bohemia”, de Arthur Conan Doyle

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof. Dr. Francisco Edson Gonçalves Leite.

PAU DOS FERROS

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C331a Carvalho, Igor Freitas
ATÉ UM EXÍMIO OBSERVADOR TEM VISÕES
ESCANDALOSAS: A representação feminina no conto "A
Scandal in Bohemia", de Arthur Conan Doyle. / Igor Freitas
Carvalho. - Pau dos Ferros, 2023.
40p.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Edson Gonçalves
Leite.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher. Sociedade. Narrativa. Um escândalo na
Boêmia. Sherlock Holmes.. I. Leite, Francisco Edson
Gonçalves. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

IGOR FREITAS CARVALHO

ATÉ UM EXÍMIO OBSERVADOR TEM VISÕES ESCANDALOSAS:

A representação feminina no conto “A Scandal in Bohemia”, de Arthur Conan Doyle

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Prof. Dr. Francisco Edson Gonçalves Leite (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^ª. Dr^ª. Concísia Lopes dos Santos
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^ª. Ma. Débora Lorena Lins
Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte (SEEC-RN)

*“Dedico esta monografia à minha querida avó Abigail (in memoriam) e,
dedico também, ao meu querido avô Francisco (Chico Benigno) (in memoriam),
cuja presenças foram essenciais na minha vida.”*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família por sempre me apoiar. Aos meus pais Genival Americo e Maria Dalva, novamente, obrigado por sempre estarem ao meu lado. Principalmente, agradeço ao meu irmão Francisco Aylton, pelo seu incentivo, amor e compreensão contínuos nos meus melhores e piores momentos.

Agradeço à minha tia Francisca, minha segunda mãe, e aos meus avós Francisco e Abigail, obrigado por todos esses anos repletos de motivações e amor.

Agradeço também aos amigos que a faculdade me deu, Francisco Fernandes, obrigado, em especial os momentos durante o estágio e, Mailson, obrigado pelas conversas sobre a vida.

Gostaria também de agradecer a todos os meus amigos de infância, que conheço muito antes da faculdade, obrigado pelas conversas triviais e pertinentes, pelas risadas e todos os momentos memoráveis vividos ao longo dos anos.

Gostaria de expressar meus agradecimentos aos professores que fizeram parte dessa caminhada ao longo desses anos em que tive o prazer de conhecer, professores: Cezinaldo, Charles Ponte, Evaldo Gondim, Marcos Antonio, Marcos Luz, Marcos Nonato, e principalmente o meu orientador professor Edson, que foi o a motivação para ideia inicial do tema abordado nessa monografia, seus conselhos, paciência, críticas e sugestões agora constituem e tornam esse trabalho uma grande realização.

“Be Curious, Not Judgmental”

Walt Whitman

RESUMO

O presente trabalho analisa o preconceito e o modo como a mulher é subestimada em relação aos homens, considerando sua trajetória a partir da obra literária “A Scandal in Bohemia”, publicada em 1891 pelo escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle. A referida obra traz mais uma aventura do famoso detetive Sherlock Holmes que, como em muitos outros contos de Conan Doyle, acontece na fria Londres vitoriana do século XIX, palco de grandes acontecimentos econômicos, políticos e sociais, que eram refletidos diretamente na cultura inglesa. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, de natureza bibliográfica. Teoricamente, a pesquisa se filia aos seguintes campos: (1) Gênero literatura policial, a partir dos estudos de Reimão (1983), Scaggs (2005) e Todorov (1971); (2) personagem e representação feminina, a partir dos estudos de Alves (1985), Burler (2000), Chernock (2019), Gilber & Gubar (2000) e Zolin (2010). Na análise, são apresentadas reflexões das visões dos personagens masculinos Sherlock Holmes, Dr. Watson e o rei da Boêmia em relação à Irene Adler. Considerando que a narrativa foi publicada no século XIX, mais precisamente no ano de 1891, percebe-se, através da representação literária, como a mulher, sob a ótica masculina que prevalece na sociedade, tem sido historicamente subestimada em relação a suas capacidades cognitivas e como isso ajudou a moldar a sociedade em que vivemos. Nesta emblemática história, considerada uma das melhores histórias do escritor Arthur Conan Doyle, fica evidente que a mensagem a ser passada não é a de que Sherlock Holmes resolveu mais um caso. Ao contrário, sobressai com destaque da trama a construção de uma personagem inicialmente menosprezada, Irene Adler, que ao final mostra-se uma mulher mais inteligente que o próprio detetive. Desse modo, o conto foge do padrão das histórias de detetive: Holmes perde o caso, mas quem ganha é o leitor.

Palavras-chave: Representação feminina. Literatura policial. Sherlock Holmes.

ABSTRACT

This current work analyzes prejudice and how women are underestimated compared to men, considering their trajectory from the literary work "A Scandal in Bohemia," published in 1891 by British writer Sir Arthur Conan Doyle. The aforementioned work brings yet another adventure of the famous detective Sherlock Holmes, which, as in many other tales by Conan Doyle, takes place in the cold Victorian London of the 19th century, a stage for great economic, political, and social events that were directly reflected in English culture. Methodologically, it is a qualitative and interpretive research of a bibliographical nature. The research theoretically aligns with the following fields: (1) Detective fiction, based on the studies of Reimão (1983), Scaggs (2005) and Todorov (1971); (2) Female character and society, based on the studies of Alves (1985), Burler (2000), Chernock (2019), Gilber & Gubar (2000) e Zolin (2010). The analysis presents reflections on the views of the male characters Sherlock Holmes, Dr. Watson, and the King of Bohemia regarding Irene Adler. Considering that the narrative was published in the 19th century, specifically in 1891, through literary representation, it is perceived how women, under the prevailing male perspective in society, have historically been underestimated regarding their cognitive abilities and how this has helped shape the society we live in. In this emblematic story, considered one of Arthur Conan Doyle's best stories, it is evident that the message to be conveyed is not that Sherlock Holmes solved another case. On the contrary, the construction of a character initially underestimated, Irene Adler, stands out prominently from the plot, who in the end shows herself to be a woman more intelligent than the detective. Thus, the tale deviates from the standard detective stories: Holmes loses the case, but the reader wins.

Keywords: Female representation. Detective fiction. Sherlock Holmes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	“VOCÊ VÊ, MAS NÃO OBSERVA”, ENTENDENDO O GÊNERO.....	14
2.1	Gênero literatura policial.....	14
2.2	Personagem Feminina e a Sociedade	17
3	ANALISANDO O FEMININO PELA ÓTICA DO MASCULINO	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o conto “A Scandal in Bohemia”, no Brasil ‘Um escândalo na Boêmia’, destacando a forma curiosa com que as personagens masculinas se referem à Irene Adler, na tentativa de inferiorizá-la e enquadrá-la dentro do estereotipo tradicional que o homem atribui à mulher no contexto de uma sociedade patriarcal, como é o caso da Londres vitoriana na qual o conto é ambientado. Quando foi feita a leitura dessa obra pela primeira vez, ficaram claros o preconceito e o tom depreciativo com que a personagem feminina Irene Adler é representada ao longo de quase toda narrativa, corroborando a crença socialmente arraigada de inferiorização da mulher e subestimação de suas capacidades.

O interesse em abordar a perspectiva da construção da personagem feminina no conto “A Scandal in Bohemia” veio pelo fato de já ter trabalhado com esse tema anteriormente, em um trabalho da disciplina “Teoria da Literatura II”. Foi uma análise sucinta, porém com o passar do tempo percebemos a necessidade de falar sobre esses assuntos, já que os preconceitos e tabus impostos às mulheres pela sociedade sempre estiveram presentes na humanidade. Buscar entender esse processo, de forma a desnaturalizar esse tipo de comportamento, leva-nos a pensar e refletir sobre essas construções sociais que determinam os papéis socialmente atribuídos aos gêneros.

Na literatura, faz-se importante o estudo acerca do processo de construção das personagens em narrativas. A partir dos estudos feministas, ganham importância na contemporaneidade o estudo de personagens femininas, estejam elas em primeiro ou segundo plano da narrativa, de modo a elucidar as relações sociais e de poder que subjazem à construção narrativa. Partindo dessa concepção, a personagem feminina Irene Adler no conto “A Scandal in Bohemia” do escritor britânico Sir Arthur Conan Doyle se torna um elemento revelador desses conflitos.

Neste trabalho, optamos por entender como os padrões na sociedade desde o século XIX acabam influenciando as personagens masculinas Sherlock Holmes, Dr. Watson e O rei da Boêmia a terem visões preestabelecidas diante da figura feminina de Irene Adler, o que os leva a posturas e visões preconceituosas, deixando escancarada a posição social a qual as mulheres estão atreladas. Isso acontece porque quando falamos sobre a representação de personagens femininas na literatura ao longo da história, podemos perceber que durante muito

tempo, representações femininas na literatura foram estigmatizadas: a visão unilateral que representa o ponto de vista masculino como hegemônico é bastante corriqueira. É importante, pois, entender como isso funciona socialmente, ou seja, saber o que leva as personagens masculinas a pensarem dessa forma e a subestimar as personagens femininas apenas pela sua condição de gênero. Sendo assim, esse tema é extremamente importante, visto que a representação da mulher tanto na sociedade quanto na literatura é um assunto amplo e relevante que está sempre em debate e desenvolvimento, influenciando o comportamento e o modo de pensar.

Ao analisar uma obra clássica como “A Scandal in Bohemia” escrita por um dos mais conceituados escritores de todos os tempos, a verdadeira intenção é mostrar como a literatura reflete e dialoga com as concepções em voga à época, neste caso em particular, como a sociedade europeia funcionava e ditava o ritmo de comportamento associado às mulheres. Tentaremos entender como a sociedade na era vitoriana e na Europa em geral estabelecem e impactam o modo de pensar dos personagens diante de uma mulher que estava à frente do seu tempo, e por que suas ações incomodavam tanto.

Historicamente, personagens do gênero feminino estiveram em segundo plano, dependendo do homem para seu desenvolvimento ou desempenhando um papel passivo, parceira de um homem, quase como uma figurante sem aprofundamento na construção narrativa. Buscamos entender como o gênero literatura policial, que é a modalidade literária na qual a narrativa de Conan Doyle se insere, é um ambiente tradicionalmente dominado por homens e como se dá a representação do feminino nessas narrativas.

Vamos demonstrar, ainda, como as adaptações da obra para outros idiomas, no caso, o português brasileiro, deixa de certa forma a narrativa mais suavizada em alguns termos utilizados pelas personagens. Como veremos, a obra original é mais impactante e disso decorre, conseqüentemente, a necessidade de comparar as duas versões (original e tradução), visto que é primordial para a análise saber como a diferença na tradução de diálogos e termos está atrelada à construção e desenvolvimento das personagens da narrativa, em especial Adler. A partir das diferentes perspectivas, pretende-se estabelecer aqui uma sucinta contribuição para a análise deste exemplar da literatura policial.

A pesquisa previamente apresentada neste trabalho é de base qualitativa pressupondo uma análise sem dados estatísticos e descritiva, apresentando uma descrição da construção da

personagem feminina na obra. Sendo assim, tem como método de abordagem o hipotético-dedutivo, pois parte do princípio de como a narrativa reproduz os estereótipos e pré-concepções historicamente atribuídos à posição social da mulher, através da visão unilateral do masculino sobre o feminino.

Dito isso, adotaremos uma investigação de caráter bibliográfico, que tem como corpus o conto “A Scandal in Bohemia”, no Brasil ‘Um escândalo na Boêmia’, com o objetivo analisá-lo demonstrando como a personagem está inserida socialmente, rompendo com os padrões historicamente atribuídos à mulher. Tendo como base textos relacionados ao século XIX, principalmente o período conhecido como “Era vitoriana”, textos sobre representação feminina e sobre o gênero literatura policial. Dessa maneira, o trabalho constitui também de leituras dos textos literários, crítica dos autores, resenhas, textos sobre o gênero romance policial e a mulher na sociedade europeia do século XIX e sobre teoria literária. (personagens, narrador, ambiente, tempo, enredo).

Durante a construção da análise, foram feitos os seguintes procedimentos metodológicos, a saber, observação das particularidades da construção e da representação da personagem do gênero feminino no conto “A Scandal in Bohemia”; descrição das semelhanças e das diferenças nas visões dos personagens masculinos a respeito dos estereótipos e preconceitos sociais atrelados à posição social da mulher.

Do ponto de vista da estrutura, o trabalho apresenta a seguinte segmentação. Primeiro, vamos entender como se configura, dentro da literatura, o gênero romance policial, considerando sua construção histórica e suas principais características formais. Em seguida, veremos como às mulheres são retratadas socialmente no contexto europeu do século XIX, mais precisamente na Londres vitoriana, e como o conceito de gênero ajuda a compreender a representação feminina a partir de um viés social, no qual estão implicadas relações de poderes entre os gêneros. A partir dessa fundamentação teórica, pretendemos demonstrar como todas essas questões influenciam as personagens masculinas em suas atitudes, deixando escancarado todos os preconceitos e julgamentos atribuídos à personagem Irene Adler.

2 “VOCÊ VÊ, MAS NÃO OBSERVA”: ENTENDENDO O GÊNERO

2.1 Gênero literatura policial

Devemos entender primeiro em qual o gênero a obra “Um escândalo da Boêmia” está inserida, só assim podemos compreender como o processo narrativo influencia na dinâmica das personagens. É importante citar também que o termo usado para denominar o gênero escolhido varia, assim como seu uso em língua inglesa sofre modificação. Por isso, quando nos deparamos com “detective fiction” ou “mystery novels” não necessariamente estamos diante de um erro, pois tais denominações sofrem alterações ao longo do tempo, e podem ser designados de maneiras diferente por outros autores que abordam esse gênero. Contudo, algo que não é novidade em língua portuguesa muito menos em outros idiomas como a língua inglesa, como explica John Scaggs

Dos 'contos de raciocínio' de Edgar Allan Poe, ao mistério e à ficção policial da virada do século XX e aos mistérios do período entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, um foco no crime, mas só às vezes sua investigação, sempre foi central para o gênero. Por essa razão, a maioria dos estudos críticos do gênero nos últimos vinte anos emprega o termo “ficção criminal” para classificar um gênero de outra forma inclassificável. (SCAGGS, 2005, p.10).¹

Dito isso, verificamos o uso variado de termos para se referir ao gênero e suas subdivisões como “narrativa de detetive”, “literatura policial” ou “romance policial”. Segundo Reimão (1983), a própria invenção do gênero policial é, na verdade, consequência de uma nova concepção de literatura proposta pelo escritor americano Edgar Allan Poe; é essa a concepção que fará com que Poe consiga imaginar uma novela policial, isto é, uma combinação de ficção não mais com o “deixar-se tomar pela inspiração e pela fantasia”, ou com o “descobrir o nível de inovação”, mas sim a partir de uma sequência de ficção com raciocínio lógico.

¹ From Edgar Allan Poe's 'tales of ratiocination', to the mystery and detective fiction of the turn of the twentieth century and the whodunit of the period between the First World War and the Second World War, a focus on crime, but only sometimes its investigation, has always been central to the genre. For this reason, the majority of critical studies of the genre over the past twenty years employ the term 'crime fiction' to classify an otherwise unclassifiable genre. (SCAGGS, 2005, p. 10).

Para existir desenvolvimento do mistério ao longo da narrativa, a narração não é necessariamente feita pelo protagonista e sim por um narrador testemunha, pois partindo do princípio de que o gênero literatura policial precisa dessa alternativa para o escritor não revelar o que passa pela mente do herói, isso é uma de suas peculiaridades, como enfatiza a autora.

Enquanto na França, Inglaterra e nos Estados Unidos desenvolvia-se a novela de folhetins, com seus policiais, ex-condenados com métodos totalmente empíricos de investigação, em abril de 1841, um americano educado na Europa, com textos já anteriormente publicados, lança, na *Graham's Magazine*, aquela que é considerada a primeira narrativa policial, a fundadora do gênero: "Assassinatos na Rua Morgue". (REIMÃO, 1983, p. 16).

Arthur Conan Doyle não foi o único a abordar o gênero literatura de detetive. Nomes como Edgar Allan Poe e seu detetive Dupin também são destaques, e tantos outros que marcaram a história literária com suas obras. Reimão (1983), continua explicando que

A grande maioria dos detetives do chamado romance de enigma clássico tem suas aventuras narradas por outros personagens do texto. Esses personagens-narradores podem variar entre os personagens de cada narrativa, ou podem ser personagens-narradores fixos, que seriam os memorialistas desses detetives. Nesse último caso, encontramos o Dr. Watson para Sherlock Holmes, o Capitão Hastings para Hercule Poirot e Archie Goodwin para Nero Wolfe. (REIMÃO, 1983, p.31).

Os diferentes gêneros seguem padrões específicos da narrativa e isso não é diferente no romance policial. Todorov (1971) mostra o que ele chama de "sustentação", que "consiste em manter o leitor ou o ouvinte em suspense, e a surpreendê-lo em seguida por algo que ele estava longe de esperar", e que devem ser seguidos na construção da narrativa. Conseqüentemente, isso contribui para os escritores seguirem essa linha de raciocínio na narrativa, pois o romance policial tem suas regras, fazendo com que o leitor não saiba de tudo. Mesmo que o protagonista esteja com tudo em mente, todos os planos, o leitor não vai saber, pois ele acompanha a narrativa pelo ponto de vista do narrador testemunha, no caso Dr. Watson que faz esse papel em grande parte das obras de Conan Doyle. Muitos contos que fazem uso desses procedimentos acabam se destacando pela forma como a narração interfere de forma crucial, desenvolvendo assim, um modelo do gênero, não algo pré-moldado, são apenas maneiras de serem feitas, linhas de pensamentos a serem seguidas, e não impostas.

Na literatura muitos autores do gênero romance policial acabam optando por essa alternativa, fazendo com que a narração no gênero literatura policial faça sentido, pois se a narração fosse feita pelo detetive, o leitor acompanharia os fatos gradativamente a partir de sua percepção, o que não faz sentido para o julgamento e perspectiva dos fatos sob o ponto de vista do leitor. Reimão (1983), explica que:

Se o fato de o próprio detetive ser o narrador cria dificuldades para a narrativa, e se o narrador onisciente está, por princípio, descartado do romance enigma, três formas de emissão restam (se nos limitarmos às tradicionais): o narrador impessoal (mas nunca onisciente), vários narradores e a recorrência a personagens-narradores. (REIMÃO, 1983, p.32).

Outro aspecto a ser considerado no contexto da literatura policial é a questão da credibilidade do narrador. De maneira geral, esses narradores são personagens que gozam de prestígio perante o corpo social, como é o caso de Sherlock Holmes, que personifica qualidades valorizadas pela sociedade vitoriana:

Nessa visão social conservadora há uma relação clara com o fato de que o sucesso de Sherlock Holmes como personagem residia em sua capacidade de 'apaciar as ansiedades de um respeitável público de classe média londrino' (Knight 1980: 67). Watson, por exemplo, personifica as qualidades positivas da masculinidade da classe média vitoriana: ele é honesto, leal e corajoso. Essas virtudes enfatizam o significado ideológico de sua posição como narrador em primeira pessoa e, considerados a esse respeito, os narradores de Christie, que incluem pastores, médicos e oficiais aposentados, cumprem uma função semelhante (SCAGGS, 2005, p.48).²

Essa relação entre narrativa e período histórico faz-se então presente, pois o período em que vivemos é reflexo da sociedade. As narrativas policiais, com seus temas sobre crimes, mistérios e mortes, alinham-se a um gosto popular já presente na sociedade europeia.

Foi no século XIX que surgiram na Europa os jornais populares de grande tiragem (apesar de a imprensa ter surgido em meados do século XIII). Esses jornais em algumas seções criam e valorizam o chamado "fato diverso": dramas individuais, via de regra banais, ou então crimes raros e aparentemente inexplicáveis. O desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer então reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa. (REIMÃO, 1983, p. 9.)

² In this conservative social vision there is a clear relationship with the fact that the success of Sherlock Holmes as a character lay in his ability 'to assuage the anxieties of a respectable, London-based, middle-class audience' (Knight 1980: 67). Watson, for example, personifies the positive qualities of Victorian middle-class masculinity: he is honest, loyal, and brave. These virtues emphasise the ideological significance of his position as first-person narrator, and, considered in this respect, Christie's narrators, who include pastors, doctors, and retired officers, serve a similar function. (SCAGGS, 2005, p.48).

Desse modo, percebemos que esse tipo de literatura não surge de maneira aleatória, mas cumpre uma importante função social, especialmente no que diz respeito aos gostos e prazeres de determinadas camadas da sociedade. Sua continuidade, no decorrer dos séculos, atesta sua perenidade sua capacidade de se adequar aos diferentes contextos sociais.

2.2 Personagem Feminina e a Sociedade

Toda obra literária é um produto do seu tempo e os parâmetros que usamos para medir sua importância mudam com o passar do tempo. A análise da personagem Irene Adler na narrativa de Conan Doyle impõe uma grande dificuldade, pois como analisar uma personagem que praticamente não tem fala ao longo do texto? Um das chaves que nos permite transpor essa barreira é compreender o contexto social no qual Irene Adler está inserida, no caso a Londres vitoriana do século XIX. Entender como se forma a narrativa que reproduz os estereótipos e pré concepções historicamente atribuídos à posição social da mulher é um caminho profícuo. Veremos como a literatura no velho mundo aborda esse tema, já que existe essa discrepância entre gêneros.

De acordo com Zolin (2010), a literatura ao longo dos séculos, por ser reflexo das visões do gênero masculino, sempre acabou retratando o gênero feminino por um espectro padronizado, visto que mulheres sempre estiveram em segundo plano, segundo aquela visão tradicional em que a mulher é retratada como frágil, sem coragem para enfrentar problemas, o que acaba tornando-a refém das personagens masculinas. Essa hierarquia prevalece no ambiente familiar, comumente dominado pelo homem, nos papéis de mulher e mãe, expostas a comparações morais sobre o que é certo ou errado. Tudo isso acaba contribuindo para pensamentos preconceituosos sobre as mulheres, como se um gênero fosse superior a outro. Muitas vezes, sua existência consiste em servir, sendo tratada como objeto cuja função é apenas fazer par romântico com o protagonista masculino.

A divisão hierárquica entre gêneros acontece e esse fator está atrelado ao fato de que, historicamente, isso sempre aconteceu, ou seja, foi tratado como um processo natural pelas diferentes sociedades. O movimento feminista, que ganha força no século XX, propõe o questionamento dessas relações de poder entre os gêneros, de modo a desnaturalizar a

opressão do feminino pelo masculino. É evidente que o feminismo não foi um movimento que surgiu da noite para o dia, gradativamente mulheres acabaram se manifestando de maneira particular até suas ideias se tornarem conhecidas diante da sociedade que as cercam

A urgência do feminismo no sentido de conferir um status universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres. (BUTLER, 2000, p. 15).

Quando falamos nesse processo social, a primeira coisa que temos que ter em mente é quais são maneiras utilizadas para influenciar uma sociedade na qual é normal subjugar indivíduos, através de um discurso opressor, violento e estigmatizado. Butler (2000), explica que os pontos de vista dos sujeito tendem a julgar uma pessoa com pensamentos respaldos em construções sociais.

Em primeiro lugar, devemos questionar as relações de poder que condicionam e limitam as possibilidades dialógicas. De outro modo, o modelo dialógico corre o risco de degenerar num liberalismo que pressupõe que os diversos agentes do discurso ocupam iguais posições de poder e falam apoiados nas mesmas pressuposições sobre o que constitui “acordo” e “unidade”, que seriam certamente os objetivos a serem perseguidos. (BUTLER, 2000, p. 28).

É sabido que, historicamente, a sociedade é governada por padrões, seja de comportamento, aparência ou gênero. Nas sociedades ocidentais moderna, prevalece o domínio do masculino sobre o feminino. Isso faz com que, gradativamente, a visão unilateral do masculino sobre o gênero feminino seja cada vez mais forte e difícil de ser rompida.

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” — isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2000, p. 31).

As relações de poder entre os gêneros interferem nas relações sociais de diversas formas. Elas definem o que as mulheres devem ou não fazer, ou seja, atribui ao homem o papel de provedor, que sai de casa para trabalhar, e à mulher os cuidados do lar, o que inclui os filhos e as atividades domésticas. Além disso, a relações de poder entre os gêneros

determinam até mesmo como as mulheres devem agir e como devem se vestir, modelando seu comportamento desde a infância até a fase adulta. Tais práticas colocam a mulher sempre em segundo plano, numa condição de passividade, que necessita de um homem para defendê-la, protegê-la e vigiá-la.

Esses conceitos são novidades na Europa da “Era vitoriana”. Embora inquietassem algumas mulheres (a luta feminina contra a dominação sempre existiu, ainda que em menor escala a depender das condições históricas), havia pouco ou nenhum espaço para problematização. A limitação de espaço imposta à mulher dentro da produção literária (seja como autora ou como sujeito representado) é refratária de todas essas condições sociais até aqui apresentadas. Tudo começou de modo muito velado. Na literatura, mulheres publicaram suas obras com pseudônimos, com receio de receberem críticas enviesadas, como por exemplo o prestigiado e mundialmente conhecido “Frankenstein; or, The Modern Prometheus” de Mary Shelley.

Nós especulamos que, para as mulheres de língua inglesa, não há vários séculos XIX diferentes, definidos nacionalmente; há apenas um que contém e sustenta as realizações de escritoras britânicas e americanas, todas as quais estavam chegando a um acordo em prosa e poesia com a discrepância entre a ideologia Vitoriana da feminilidade e a realidade da vida das mulheres Vitorianas. E essa continuidade transatlântica de empreendimentos imaginativos femininos há muito nos parece criar incongruências interessantes. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 31).³

A ideologia em volta da sexualização sofrida por mulheres no período vitoriano vai muito além da forma verbal, já que a sociedade, na maioria das vezes, dita o que seria certo ou errado em termos de comportamento feminino, como se as mulheres fossem submissas aos homens. Isso vai de acordo com conceito de “Private House”, destacado por Virginia Woolf, que entende que mulher não é algo privado: “[...] a ideologia sexual da época [século XIX] era, em muitos aspectos, particularmente opressiva, confinando as mulheres, como Virginia Woolf observou há muito tempo, não apenas aos espartilhos, mas à “Casa Privada”, com

³ we speculated that for English-speaking women, there are not a number of different, nationally defined nineteenth centuries; there is only one—which contains and sustains the achievements of British and American women writers, all of whom were coming to terms in prose and poetry with the discrepancy between the Victorian ideology of femininity and the reality of Victorian women’s lives. And that transatlantic continuity of female imaginative enterprises has long seemed to us to create interesting incongruities. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 31).

todas as suas privações e descontentamentos⁴” (GILBER; GUBAR, 2000, p. 31). Apesar disso, ideias florescentes nesse mesmo período histórico demonstram perspectivas novas frente a esse ambiente conservador, o que indicia uma lenta, mas progressiva, mudança de cenários para a luta das mulheres, como afirmar Gilber e Gubar (2000, p. 31): “[...] seus imperativos estéticos e políticos foram especialmente inspiradores, engendrando não apenas uma série de movimentos revolucionários, mas algumas das mais ricas produções do imaginário feminino⁵”.

Alves (1985), nos explica que o processo de socialização da mulher não é normalizado. Direitos que parecem ser básicos atualmente não eram comuns, como o direito a votar por exemplo. Ao mesmo tempo em que se desenvolve o pensamento masculino em vários âmbitos, a educação da mulher sofre retrocessos, tanto no campo profissional, quanto na formação intelectual. Por isso, não se tem registro de mulheres frequentando universidades até meados do século XIX, período histórico que justamente vai ser governado por uma mulher.

Mesmo diante desse impacto, o movimento de mulheres escritoras na “Londres Vitoriana” teve seu ritmo cadenciado, mas foi importante. É claro, essa transformação tem seus percalços, pois havia a dificuldade para publicação de novas obras. Sabemos que escritoras como Mary Shelley publicaram suas obras em anonimato por temerem críticas enviesadas

A “estranheza” dessa obra poderia estar associada à luta secreta, mas insistente, das mulheres para transcender sua ansiedade de autoria? Poderia o “isolamento” e a aparente “excentricidade” dessas mulheres realmente representar sua luta feminina comum para resolver o problema do que Anne Finch chamou de “queda” da mulher literária, bem como sua busca feminina comum por uma estética que produzisse um espaço saudável em um “Palácio de Arte” predominantemente masculino? Certamente quando consideramos a “estranheza” da escrita das mulheres em relação ao seu conteúdo submerso, começa a parecer que quando as mulheres não se transformaram em mímicas masculinas ou aceitaram a “coroa de salsa” elas podem ter tentado transcender sua ansiedade de autoria revisando gêneros masculinos, usando-

⁴ [...] the sexual ideology of the era was in many ways particularly oppressive, confining women, as Virginia Woolf long ago noted, not just to corsets but to the “Private House,” with all its deprivations and discontents (GILBER; GUBAR, 2000, p. 31).

⁵ [...] its aesthetic and political imperatives were especially inspiring, engendering not just a range of revolutionary movements but some of the richest productions of the female imagination. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 31).

os para registrar seus próprios sonhos e suas próprias histórias disfarçadas. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 113-114).⁶

Essa posição social em que o domínio masculino está em diferentes esferas é um dos pontos para a revolução feita por mulheres. Alves (1985) mostra que a mesma ideologia que impede a prática da sexualidade feminina, limitou os avanços do desenvolvimento da mulher na sociedade, deixando-a em uma posição desbalanceada quando comparamos com o homem. Essa maneira de pensar é transmitida, desde os primórdios, principalmente o âmbito familiar, escolar, comunicação, religião, literatura e em outras esferas sociais. Sendo assim, muitos estigmas são criados em torno do movimento feminista, esse que procura demonstrar como a sociedade reproduz a imagem tradicional da mulher e confirma os diferentes papéis tanto no lar, no seio familiar, quanto em ambientes profissionais.

As autoras Gilber e Gubar (2000) continuam explicando que, nas sociedades dominadas pelo masculino, mulheres que não se comportam como “anjos”, que não seguem as normas exigidas pelo constructo social, estão fadadas ao desprezo da sociedade. Já aquelas que se restringem ao papel tradicional de cuidadora “do lar”, são apagadas.

É debilitante ser qualquer mulher em uma sociedade onde as mulheres são avisadas de que, se não se comportam como anjos, devem ser monstros. Recentemente, de fato, cientistas sociais e historiadores sociais como Jessie Bernard, Phyllis Chesler, Naomi Weisstein e Pauline Bart começaram a estudar as maneiras pelas quais a socialização patriarcal literalmente deixa as mulheres doentes, tanto física quanto mentalmente. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 95).⁷

Chernock (2019) explica que enquanto a rainha Victoria governava a Londres no século XIX, se prendia a papéis tradicionais. Pois, apesar de ser uma mulher no poder, ela não lutava pelos direitos das mulheres. Durante seu reinado, em grande parte do século XIX,

⁶ Could the “oddity” of this work be associated with women’s secret but insistent struggle to transcend their anxiety of authorship? Could the “isolation” and apparent “eccentricity” of these women really represent their common female struggle to solve the problem of what Anne Finch called the literary woman’s “fall,” as well as their common female search for an aesthetic that would yield a healthy space in an overwhelmingly male “Palace of Art”? Certainly when we consider the “oddity” of women’s writing in relation to its submerged content, it begins to seem that when women did not turn into male mimics or accept the “parsley wreath” they may have attempted to transcend their anxiety of authorship by revising male genres, using them to record their own dreams and their own stories in disguise. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 113-114).

⁷ It is debilitating to be any woman in a society where women are warned that if they do not behave like angels they must be monsters. Recently, in fact, social scientists and social historians like Jessie Bernard, Phyllis Chesler, Naomi Weisstein, and Pauline Bart have begun to study the ways in which patriarchal socialization literally makes women sick, both physically and mentally. (GILBER; GUBAR, 2000, p. 95).

sustentava os pensamentos de que as mulheres não deveriam conquistar lugar na política. Isso contradiz seus deveres enquanto rainha, não porque gozava da posição ou possuísse as habilidades necessárias para tal, pois como ela mesmo proferia “We women are not made for governing”⁸.

Papéis sociais como exercer determinada profissão também não eram permitidos. A Rainha Victoria não permitia a perspectiva das mulheres se tornarem médicas, pois ela realmente pensava que mulheres eram fracas, segundo seu modo de ver o mundo. Deus teria criado o homem e a mulher diferentes. Dessa forma, cada um pertenceria a sua própria posição social.

O mais irônico, segundo Chernock (2019), é o fato da rainha mesmo não fazendo muito para ajudar na luta das mulheres durante o seu reinado, ser considerada pelas feministas como um modelo a ser seguido. Porém, como a rainha Vitória ajudaria o movimento feminista, visto que grande parte de suas declarações eram privadas e só vieram a público após sua morte em 1901? Até mesmo na luta pelo voto parlamentar, o movimento feminista usaria a imagem da monarca como forma de simbologia, mesmo que seu governo tenha sido, em muitas ocasiões, cerimonial, como enfatiza Chernock (2019)

Isso foi especialmente verdadeiro na luta para obter o voto parlamentar, onde o status elevado da rainha a tornou incrivelmente valiosa. Afinal, era um paradoxo impressionante que uma mulher fosse chefe de Estado - mesmo que esse papel fosse cada vez mais cerimonial -, já que suas súditas não podiam nem eleger um representante, muito menos obter uma educação universitária (até 1869) ou manter sua propriedade uma vez casado (até 1870). (CHERNOCK, 2019).⁹

Deveras, temos que ressaltar que não é novidade que a imagem da rainha tenha sido apresentada em uma petição histórica, que foi apresentada ao Parlamento em favor da representação feminina, em meados de 1866. Embora tenhamos essa visão do seu governo, a monarca, de certa forma, contribuiu para o movimento feminista. Chernock (2019), mostra que é útil lembrar essa herança feminista perdida, não apenas porque dá um novo significado

⁸ “Nós, mulheres, não fomos feitas para governar”

⁹ This was especially true in the struggle to obtain the parliamentary vote, where the queen’s lofty status made her incredibly valuable. After all, it was a striking paradox that a woman was head of state — even if that role was increasingly ceremonial — given that her female subjects couldn’t even elect a representative, let alone obtain a university education (until 1869) or keep their property once married (until 1870). (CHERNOCK, 2019, n.p.)

na política de gênero retrógrada, muitas vezes relacionada ao reinado de Victória, mas também porque nos lembra que alguns europeus e americanos há muito tempo são céptico sobre o nível em que os sistemas que se dizem democráticos são capazes de ressaltar o sexo feminino em posições de liderança. A autora ainda indaga: até onde ainda temos que ir para provar que esses primeiros cépticos estão errados? Pois como proferia Holmes, “*You see, but you do not observe.*”¹⁰.

¹⁰ “Você vê, mas não observa.” (Doyle. 2018, p. 39).

3 ANALISANDO O FEMININO PELA ÓTICA DO MASCULINO

Quando Arthur Conan Doyle escreveu “A Scandal in Bohemia”, e tantos outros clássicos da literatura mundial, como “The Red-Headed League” e “The Hound of the Baskervilles”, ficou evidente o seu talento como escritor, mas aqui, não estamos diante de apenas mais um caso resolvido pelo detetive mais famoso de todos os tempos. Ele vai além. Estamos perante uma crítica social que pouco persistia no século XIX e que o britânico resolveu levantar, o preconceito de como a mulher é vista.

Assim como em outras obras do autor, a narração desta é feita por um dos personagens, mais precisamente, um narrador testemunha, por Dr. Watson, o braço direito de Sherlock Holmes, que conta os fatos a partir de sua perspectiva, por isso seu campo de visão é limitado e o leitor vai descobrindo os fatos junto com as personagens. Logo no começo do conto, podemos ver que o tempo na narrativa muda um pouco, pois, logo nas frases iniciais ele diz: “Para Sherlock Holmes ela é sempre a mulher. Eu raramente o via mencioná-la de outra forma. Aos seus olhos, ela eclipsa e domina todas as outras. Não que ele sentisse qualquer emoção parecida com amor por Irene Adler”. (DOYLE, 2018a, p. 36).¹¹

Aqui, o tempo é psicológico, e esse método utilizado chama-se *flashforward*, um recurso utilizado quando os autores desejam explicar algo que foge à cronologia, embora o conto seja quase todo narrado no tempo cronológico, que segue uma sequência de sentido dos fatos ocorridos. Porém, o que chama atenção logo nesse início é a admiração de Holmes por Irene Adler. É interessante perceber como essa “admiração” pela personagem vai sendo construída ao longo da narrativa, pois inicialmente ela era vista com outros olhos, olhos esses que julgam sem ao menos conhecê-la, apenas pela ótica dos outros personagens.

Na sequência do conto, Holmes e Dr. Watson conversam por um tempo até que o detetive pede ao médico que leia um bilhete que chegou recentemente, bilhete esse sem identificação, mas que descobrimos posteriormente ser do Rei da Boêmia. O que chama atenção aqui é como o Rei da Boêmia deseja fazer tudo discretamente, sem revelar seu nome, usando uma máscara, tudo para não sofrer constrangimento diante da sociedade europeia. Na

¹¹ To Sherlock Holmes she is always the woman. I have seldom heard him mention her under any other name. In his eyes she eclipses and predominates the whole of her sex. It was not that he felt any emotion akin to love for Irene Adler. (Doyle. 1891, p.3).

visita, Watson relata que “a parte superior do rosto, até as bochechas, estava coberta por uma máscara preta”, por (DOYLE, 2018a, p. 13). Resumindo, o Rei da Boêmia iria se casar com Clotilde Lothman von Saxe-Meiningen, segunda filha do rei da Escandinávia, e há cerca de cinco anos, em Varsóvia, ele diz que foi apresentado à “notória aventureira Irene Adler” ou, “the well-known adventuress Irene Adler”. Vamos conhecendo um pouco mais da figura da senhorita quando Holmes pede ao seu ajudante que procure no índice por Irene Adler. Pela descrição, ficamos sabendo que a moça é aposentada dos palcos de ópera e reside em Londres, nada de extravagante, mas não é isso que o tom da narração dá a entender.

A narrativa é relatada a partir do olhar masculino e isso determina o tom geral da história. Pelas palavras do rei, ele é inocente, não tem culpa pois foi “apresentado” ao que é descrito como uma “notória aventureira”, inferiorizando a figura feminina. Agora, ele teme sofrer chantagem de sua ex-amante, pois o Rei se envolveu com a dama e acabou escrevendo cartas comprometedoras e fotos em que os dois aparecem juntos. Por isso, deseja que Holmes recupere-as de volta.

É interessante notar como a primeira menção à personagem feminina feita pelo nobre já induz o leitor a tomar partido e enxergar Adler como uma alguém que procura, de alguma forma, aproveitar-se da posse das cartas e da foto, pois o que vemos em seguida, através da forma como se constrói o diálogo, deixa isso escancarado.

- Exatamente. Mas como...
- Houve um casamento secreto?
- Não.
- Nenhum papel oficial nem certificados?
- Nenhum.
- Então não consigo entender Vossa Majestade.
- Se essa jovem houvesse produzido ela mesma as cartas com o propósito de fazer chantagem ou qualquer outra coisa, como provaria a autenticidade delas?
- Elas foram escritas à mão.
- Bobagem! Falsificação!
- Meu papel de carta particular.
- Roubado.
- Meu selo.
- Imitado.
- Minha fotografia.
- Comprada.
- Aparecemos juntos na fotografia.
- Oh, meu Deus. Isso é muito ruim. Vossa Majestade realmente cometeu uma indiscrição.
- Eu estava louco. Insano.
- Comprometeu-se seriamente.
- Eu era apenas o príncipe, então. Era jovem. Tenho trinta anos agora.
- Ela deve ser recuperada.
- Tentamos e falhamos.
- Vossa Majestade deve pagar. Deve ser comprada. – Ela não venderá.

- Roubada, então.
- Cinco tentativas já foram feitas. Dois arrombadores pagos por mim fizeram uma busca na casa dela. Em uma das vezes, desviamos sua bagagem quando ela viajou. Por duas vezes, foi assaltada. Não houve resultado.
- Nem sinal?
- Absolutamente nenhum. Holmes riu. (DOYLE, 2018a, p. 44-45).¹²

O que parece um diálogo cômico, (e de fato é), esconde nas entrelinhas um problema estrutural da sociedade, não só da europa do século XIX, mas também do mundo moderno, pois Holmes tenta buscar alguma forma de invalidar qualquer tipo de possíveis argumentos de Irene Adler sobre a autenticidade das cartas e fotos que estão sobre posse da mulher. Parece ser comum que a palavra da mulher tenha menos valor social em determinadas circunstâncias, como essa relatada acima, pois quem estaria falando a verdade, um Rei ou uma pobre moça? Basicamente, a palavra de Adler não vale nada, porém ela tem uma fotografia, e isso não há como negar.

A vítima quase nunca tem consciência de estar sendo abusada. Ou, pelo menos, não como se entende geralmente o termo, já que não há uma agressão clara. Simplesmente, quando tudo é colocado em dúvida, tudo se discute e seus pontos de vista são sempre menosprezados, a mulher vai se

¹²“Precisely so. But how—”

“Was there a secret marriage?”

“None.”

“No legal papers or certificates?”

“None.”

“Then I fail to follow your Majesty.

If this young person should produce her letters for blackmailing or other purposes, how is she to prove their authenticity?”

“There is the writing.” “

Pooh, pooh! Forgery.” “

My private note-paper.”

“Stolen.”

“My own seal.”

“Imitated.”

“My photograph.”

“Bought.”

“We were both in the photograph.”

“Oh, dear! That is very bad! Your Majesty has indeed committed an indiscretion.”

“I was mad—insane.”

“You have compromised yourself seriously.”

“I was only Crown Prince then. I was young.

I am but thirty now.”

“It must be recovered.”

“We have tried and failed.”

“Your Majesty must pay. It must be bought.” “She will not sell.”

“Stolen, then.”

“Five attempts have been made. Twice burglars in my pay ransacked her house. Once we diverted her luggage when she travelled. Twice she has been waylaid. There has been no result.”

“No sign of it?”

“Absolutely none.” Holmes laughed.

fechando em si mesma. Trata-se também, conseqüentemente, de uma forma de abuso muito difícil de explicar para a vítima e ainda mais complicada de denunciar. (CARRETERO, *EL PAÍS*, 2017, n.p.).

Dessa forma, é comum taxar uma mulher de louca para deslegitimar o seu discurso proferido. Embora o diálogo entre o detetive e o Rei possa parecer engraçado, o fato de Holmes propor alternativas para deslegitimar a posse dos objetos autênticos pela jovem é uma tentativa de mostrar o lorde como um homem íntegro e colocar Adler como uma farsante. Nesse sentido, o conto apenas acaba mostrando como essa prática corrente na sociedade efetivamente funciona. O abusador altera a percepção da realidade da vítima, fazendo-a colocar em xeque suas palavras e lucidez.

Quando percebemos que isso é um problema social e precisa ser combatido, entendemos também como a sociedade, não só da fria Londres Vitoriana, mas a sociedade em geral na qual vivemos, reproduz e perpetua esse comportamento: homens com poder, como o rei da Boêmia, agindo livremente, de acordo com os seus designos, sem se preocupar com o outro. Trata-se, pois, de uma clara violência imposta ao elo mais fraco da corrente, no caso, a figura feminina.

Aqui, na exposição, já sabemos quais são as personagens principais e temos uma ideia de como a história irá prosseguir. Ter essa primeira apresentação das personagens é fundamental para um bom desenvolvimento da compreensão da narrativa, pois é partir dessa contextualização que o leitor se situa diante da história que irá ler, compreendendo a premissa das personagens e seus objetivos.

Porém, como vimos até aqui, a personagem feminina não tem falas. Como analisar uma personagem que é extremamente importante para o desenvolvimento da trama se não existe diálogo? Pois bem, esse é um ponto interessante que vai sendo abordado de forma cadenciada ao longo deste trabalho. Como já foi destacado antes, o diálogo entre o detetive e o lorde demonstram a arrogância e pretensa superioridade deles em relação à figura feminina. Com base nesse recorte, veremos como a majestade descreve a moça para Holmes: “O senhor não a conhece, mas ela possui uma alma de aço. Tem um rosto da mais bela das mulheres e a cabeça do mais determinado dos homens”, (DOYLE, 2018a, p. 46). É interessante observar como os adjetivos e os substantivos são usados para formular a frase dita pelo lorde europeu. Irene Adler é descrita como uma mulher fria, sem sentimentos. Logo em seguida, seu aspecto

físico é destacado, só que o ponto principal aqui é a diferença de tratamento entre os gêneros: a beleza é associada ao feminino e sua determinação é associada ao masculino. Por qual motivo não é dito que ela é determinada como uma mulher? Trata-se de um problema estrutural da sociedade, que permite que práticas discriminatórias como essa sejam repetidas, perpetuadas e naturalizadas para beneficiar determinados grupos. O termo é usado para destacar o fato de que há sociedades estruturadas com base na dominância do patriarcado, que favorecem os homens e desfavorecem as mulheres. A adjetivação soa imponente quando utilizada para caracterizar a figura masculina, porém a mesma adjetivação, ao se referir à figura feminina, apresenta um outro sentido para leitor, no caso, um sentido negativo, já que, segundo o olhar masculino, Adler está determinada a fazer o mal e prejudicar a pobre majestade.

Percebemos como a construção da narrativa dá a entender que Irene Adler é a vilã da história, pois inicialmente ela não tem falas e não pode se defender das acusações. Isso é interessante, pois acaba sendo fundamental para o desenrolar e a surpresa de toda narrativa escrita por Doyle. Veremos outros exemplos a seguir, pois a personagem é, de certa forma, misteriosa, e acaba sendo introduzida aos poucos, encapsulada pelo discurso feminino.

Ao fim do primeiro capítulo do conto, o leitor sabe que Holmes promete ajudar a recuperar as cartas e as fotos que estão sob posse da senhorita Adler e, com a ajuda do seu fiel escudeiro, provavelmente resolverá mais um caso com esmera eficiência e rapidez, como costuma fazer em todas as suas célebres narrativas. Mais uma vez, o leitor é induzido a acreditar que a mente brilhante do detetive resolverá mais um caso com rapidez, sem chances para a Adler. Até então, temos uma visão rasa da personagem feminina e tudo que sabemos é filtrada pela consciência masculina que tenta macular a figura feminina.

Inicialmente, quando falamos em construção de personagens, podemos imaginar como os outros personagens e a sociedade na qual estão inseridos refletem no seu processo de formação. Em *As estruturas narrativas*, Todorov explica que o enredo se constrói gradualmente, em suspense. Como em uma espécie de efeito dominó, acaba provocando situações que causaram consequências e, ao final, apresenta a descoberta do criminoso, ou no caso, a acusada. No decorrer da investigação, contudo, nada que ponha ou possa colocar em risco a vida do detetive poderá acontecer, sendo essa uma conduta utilizada pelos escritores do gênero que concede proteção ao detetive.

Seguindo, notamos como o preconceito está escancarado em pequenos detalhes, e vem de onde não podemos esperar. No caso, vem de um homem íntegro, inteligente e observador, o detetive Holmes, que visivelmente é influenciado pela descrição que o rei da Boêmia apresenta sobre Adler, levando-o a prejulgar a personagem feminina. Porém, quando analisamos uma personagem com Irene Adler, percebemos o nível de complexidade, pois ela não tem falas durante o conto. O ponto é que todas as opiniões sobre a personagem feminina partem do que é descrito pelo narrador e demais personagens, todos figuras masculinas. Isso molda todo o estigma em torno dela, por exemplo, quando Sherlock volta da primeira observação e relata os aspectos físicos da moça ao seu companheiro Watson, ele a descreve com essas palavras:

– E Irene Adler? – perguntei.
 – Oh, ela virou a cabeça de todos os homens da região. É a coisa mais deliciosa que usa chapéu encontrada neste planeta. Isso é o que dizem os cavaleiros de Serpentine, para um homem.
 (DOYLE, 2018a, p. 44-45).¹³

O Dr. Jim Walsh, explica que essas declarações proferidas pelo detetives revelam seu preconceito entrelinhas. Ele usa um termo para explicar isso, que por sinal é bastante corriqueiro no mundo atual. Trata-se da “objetificação sexual”

O preconceito de Holmes em relação às mulheres brinca e dança ao redor das bordas da objetificação [...], O que habilmente deixa Holmes fora do gancho da 'objetificação sexual' porque ele aparentemente está apenas relatando o que os outros homens pensam, em vez de dar qualquer visão ou interrupção em particular, sobre o que Watson descreveu como sua "mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada". (WALSH, 2015, n.p).¹⁴

O termo “objetificação sexual” se atrela ao ato de tratar uma pessoa como um simples mecanismo de prazer sexual, fazendo de Adler um “objeto sexual”. A objetificação, em um sentido mais amplo, significa tratar uma pessoa como um simples produto ou objeto, não dando a mínima importância à sua dignidade ou personalidade. É também uma maneira de tentar compreender a forma de ser mulher em um contexto sociocultural que, ao longo dos

¹³ “And what of Irene Adler?” I asked.

“Oh, she has turned all the men’s heads down in that part. She is the daintiest thing under a bon- net on this planet. So say the Serpentine-mews, to a man. (Doyle. 1891, p.8).

¹⁴ Holmes’ prejudice regarding women plays and dances around the edges of objectification[...], Which deftly lets Holmes off the ‘objectifying-women’ hook because he is apparently merely reporting what other men think, as opposed to giving any particular insight, or interruption, into what Watson described as his “cold, precise, but admirably balanced mind”. (WALSH, 2015, n.p.).

anos, sexualizou e objetificou o corpo feminino. Tratar as mulheres como objeto não é novidade na humanidade. A escrita brilhante de Doyle abre espaço para esse tipo de debate, já que mesmo um homem como Holmes pode ser levado ao preconceito, pois esse tipo de julgamento é estrutural na sociedade europeia do século XIX, e não é muito diferente nos dias atuais. Assim, a teoria da objetificação fica mais evidente quando percebemos como seus conceitos se aplicam.

Sherlock Holmes também conta que viu o homem chamado Godfrey Norton com Irene Adler. Ele era advogado, porém não sabe qual o tipo de relação que existia entre ambos. O problema é como ele avalia a situação, com mais julgamentos. Ele é o detetive, deve fazer as perguntas, porém ele questiona se ela seria a amante: “Qual era a relação entre eles e qual o objetivo de suas repetidas visitas? Era ela sua cliente, sua amiga ou sua amante? Se fosse o primeiro, teria provavelmente transferido a fotografia para seu poder. Se fosse o último, isso seria mais improvável”¹⁵ (DOYLE, 2018a, p. 49-50).

O julgamento do detetive é fundamental para o progresso da narrativa, pois é isso que sua profissão sugere. Qual o problema de a personagem ter “repetidas visitas”? Isso dá a entender que ela teria menos prestígio por essa conduta? Como toda perspectiva da situação é pela visão distorcida de Holmes e das demais figuras masculinas, ele induz o leitor a pensar que a moça é uma mulher que se envolve com vários homens ou está tendo um caso com um homem casado. Em seguida, Holmes relata que seguiu o casal até uma igreja em St. Monica em Edgware Road. Em um relato frenético, Sherlock explica como conseguiu seguir o casal a tempo até entrar na igreja. Entrando discretamente na igreja, Holmes se viu em uma situação inesperada, e em uma reviravolta foi convidado pelo casal para se aproximar do altar. Agora o detetive era testemunha do casamento entre Irene Adler e Godfrey Norton.

Ao passar do tempo, a narrativa mostrou que Holmes já estava equivocado quando pressupôs coisas a respeito da senhorita quando a viu com o homem na sua casa. Ela não era amante, pelo contrário, agora Irene Adler estava casada. Essa parte do enredo é a complicação, em que se desenvolve o conflito da história. Essa visão que o rei da Boêmia tem em relação a Irene Adler é bastante peculiar, pois embora não tenha mais contato com ela, ele supõe que a moça possa acabar com seu casamento, buscando seu dinheiro e lhe

¹⁵ What was the relation between them, and what the object of his repeated visits? Was she his client, his friend, or his mistress? If the former, she had probably transferred the photo- graph to his keeping. If the latter, it was less likely. (Doyle. 1891, p.8).

constrangendo. Para evitar que isso acontecesse, o detetive iria tomar uma decisão arriscada para recuperar as fotos, mesmo que fosse preciso infringir a lei. É importante frisar e lembrar que Irene avisou para enviar as cartas no dia em que o noivado do rei fosse anunciado. Mas será que o rei deu motivos para ela fazer isso? O autor cria essa tensão que vai se acumulando durante a trama. É aí que Sherlock com a ajuda de Dr. Watson começa a criar um plano mirabolante para resolver o caso. Geralmente, o narrador testemunha não tem grande destaque na trama, mas aqui, Watson é peça fundamental para a resolução do problema, pois ele é um componente primordial no plano de detetive.

Resumindo, chegamos ao clímax, ponto de maior tensão da narrativa, quando o conflito chega ao seu ápice. A noite cai na fria Londres vitoriana, o barulho da coragem ecoa pelas ruas. O leitor agora saberá qual o plano infalível pensado por Holmes para tomar as fotos e as cartas que estão na casa da Sra. Adler. O plano de Sherlock Holmes era causar um tumulto, um verdadeiro “escândalo” perto da casa de Irene. Ele fingiria que foi ferido durante uma briga entre moradores de rua. Como sabia que Adler iria socorrê-lo para dentro de sua residência, então após o sinal de Holmes, Watson jogaria um "foguete" pela janela, dentro da casa de Adler, e em seguida ele gritaria - "Fogo! ". Pelo raciocínio do detetive, quando Adler temesse que sua casa entraria em chamas, ela rapidamente pegaria as cartas e a foto no local escondido e Holmes finalmente saberia onde ela as escondeu. Interessante, pois Holmes achava que com o alerta de princípio de incêndio na casa a mulher iria salvar seu bem mais precioso, as fotos. Era a oportunidade perfeita para o detetive ver onde estavam escondidas.¹⁶ Vejamos como o detetive premeditou como seria a reação da mulher, e o que realmente aconteceu

Quando uma mulher pensa que sua casa está pegando fogo, seu instinto imediato é correr para coisa mais valiosa que possui. É um impulso dominador, e eu já tirei vantagem disso mais de uma vez. [...] Uma mulher casada se agarra ao seu bebê – assim como uma solteira corre para sua caixa de joias (DOYLE, 2018a, p.58).¹⁷

¹⁶ É curioso observar como as palavras que Holmes utiliza para se referir aos homens em situação de rua, ele os contrata para fazer o tumulto, são os *loafer* ou em português os *vadios*.

¹⁷ When a woman thinks that her house is on fire, her instinct is at once to rush to the thing which she values most. It is a perfectly overpowering impulse, and I have more than once taken advantage of it... A married woman grabs at her baby; an unmarried one reaches for her jewel-box. (Doyle. 1891, p.11).

Percebemos, mais uma vez, como o detetive menospreza e julga ser mais esperto que Adler, generalizando até o modo como as mulheres reagiriam naquela situação. Mais um indício de uma visão estereotipada em relação às mulheres. Mas será que tudo ocorreu como ele mesmo arquitetou? Jim explica como a visão preconceituosa de Holmes ajuda a deturpar sua visão em relação aos fatos, fazendo ele se vangloriar:

Onde Holmes cai completamente na armadilha do preconceito, porém, é em sua consideração pelas mulheres que as concebe como um conjunto sem nenhuma individualização pessoal real. Este ponto de vista faz com que ele as veja de uma forma bidimensional que presume entendê-las melhor do que elas próprias. Tal atitude o faz declarar generalizações a Watson como: “As mulheres são naturalmente reservadas e gostam de fazer seu próprio segredo”, como observado ao discutir onde Adler planejou esconder a fotografia comprometedor de dela e do rei da Boêmia. (A fotografia data de uma época em que o rei era um mero príncipe herdeiro e apaixonado por Adler, a quem ele descreveu como a “conhecida aventureira”). Holmes, então, inculca-se ainda mais, gabando-se com confiança: “Vou fazer com que ela me mostre”, quando Watson naturalmente perguntou como ele encontraria a fotografia quando cinco tentativas, iniciadas por outros funcionários do rei, falharam. (WALSH, 2015, n.p.).¹⁸

A foto estava atrás de um painel deslizante perto da campainha. Quando Holmes viu o esconderijo, avisou a Adler que era um alarme falso de incêndio. Então, ela guardou novamente os papéis no refúgio. O detetive já sabia onde a fotografia fora escondida, ele mal podia esperar o dia seguinte para levar o Rei da Boêmia à casa de Irene para pegar a foto.

O detetive acredita que ele está no controle de toda situação, pensando saber como as mulheres se comportam em determinada situação. Holmes decide sacramentar o golpe final, revelando ao Rei da Boêmia onde a fotografia está e decide então esperar até a manhã do dia seguinte. Acreditando que a mulher não terá se levantado durante o dia até eles chegarem, eles terão acesso total à casa e à sala de estar onde estão as fotos e as cartas. Walsh (2015), mais uma vez, explica como a percepção da realidade pode mudar quando nos deparamos com uma situação. Holmes, crê que sua teoria foi um sucesso: “Emocionado com os eventos em conformidade com sua teoria, Holmes subestima maciçamente Adler e ignora que ela pode

¹⁸ Where Holmes does fall completely into the trap of prejudice, though, is in his regard of women that conceives of them as a set with no real personal individuation. This viewpoint makes him see ‘them’ in a two-dimensional way that presumes to understand ‘them’ better than they can understand themselves. Such an attitude makes him state to Watson generalisations like, “Women are naturally secretive, and they like to do their own secreting,” as remarked when discussing where Adler has contrived to hide the compromising photograph of her and the King of Bohemia. (The photograph dating from a time when the king was a mere crown prince and in love with Adler, whom he described as the “well-known adventuress”). Holmes, then, further inculcates himself by confidently bragging, “I will get her to show me”, when Watson naturally asked how he will find the photograph when five attempts, initiated by others in the King’s employ have failed. (Walsh Jim, 2015, n.p.).

realmente pensar e se comportar de uma maneira diferente da que Holmes prescreveu para as mulheres¹⁹” (WALSH, 2015, n.p.). Nesse ponto do conto, o leitor parte da premissa de que Holmes já resolveu o caso, pois seu plano foi um sucesso e todo o clímax estabelecido ocorreu como esperado. Este é um recurso narrativo muito interessante, pois o autor dá a entender que os protagonistas obtiveram êxito. Mais tarde, naquela noite, segue a narração do Dr. Watson, chegando em casa:

Hávamos chegado a Baker Street e estávamos parados diante da porta. Ele procurava a chave nos bolsos quando alguém que passava disse: – Boa noite, Senhor Sherlock Holmes.

Havia muitas pessoas na calçada àquela hora, mas a saudação parecia ter vindo de um jovem magro de casaco longo que passou apressadamente.
– Já ouvi essa voz antes. – disse Holmes, olhando para a rua francamente iluminada.
– Me pergunto quem terá sido²⁰. (DOYLE, 2018a, p.59).

É interessante observar que a versão original em língua inglesa usa a palavra “deuce”, uma expressão para “que diabos”, algo que em língua portuguesa foi retirado, deixando a leitura mais leve, porém perde um pouco do tom da situação intrigante em que o Sherlock estava.

Essa é a virada de chave, que nem mesmo Sherlock ou Watson poderiam imaginar. Adler caminha atrás deles, disfarçada de um “jovem magro de casaco longo” que proferiu a frase: “Boa noite, Sr. Sherlock Holmes”. Porém, essa revelação só é feita para o leitor ao final do último arco narrativo. Irene Adler, discretamente, foi capaz de enganar o “Rei dos disfarces”.

¹⁹ Thrilled by the events conforming to his theory, Holmes massively underestimates Adler and overlooks that she might actually think and behave in a way different than the one Holmes has prescribed for women. (WALSH, 2015, n.p.).

²⁰ We had reached Baker Street and had stopped at the door. He was searching his pockets for the key when someone passing said:
“Good-night, Mister Sherlock Holmes.”
There were several people on the pavement at the time, but the greeting appeared to come from a slim youth in an ulster who had hurried by.
“I’ve heard that voice before,” said Holmes, staring down the dimly lit street. “Now, I wonder who the deuce that could have been.” (Doyle. 1891, p.11).

Analisando o arco final, no dia seguinte ao chegar na Baker Street, o Rei da Boêmia conversa com o detetive enquanto se preparam para ir até a casa da senhora recuperar as fotos. Um ponto importante se dá no diálogo entre os senhores, e como isso muda dependendo da tradução, deixando ainda explícitos a falta de respeito e o preconceito exacerbado com Adler. Vejamos a tradução da editora L&PM (que é usada na maior parte desse trabalho), em seguida a versão da editora Record e por fim a versão original em inglês

– Irene Adler casou-se – contou Holmes.
 – Casou-se! Quando?
 – Ontem.
 – Mas com quem?
 – Com um advogado inglês chamado Norton.
 – É possível que ela não o ame?
 – Espero que ela o ame.
 (...)

 Bem! Eu gostaria que ela tivesse a minha posição social. Que rainha teria sido!
 (DOYLE, 2018a, p.60).

– Irene Adler se casou – observou Holmes.
 – Casou? Quando?
 – Ontem.
 – Mas com quem?
 – Com um advogado inglês chamado Norton.
 – Mas ela certamente não o ama.
 – A minha esperança é que ame.
 (...)

 Ora! Quem me dera ela fosse do mesmo nível que eu! Que rainha teria sido!
 (DOYLE, 2018b, p.29).²¹

Como foi visto, dependendo da tradução e não só nesse recorte específico da obra, existe uma pequena perda de sentido seja de entoação das frases, seja até mesmo para adequar a obra à faixa etária. Mesmo a versão original abre espaço para que isso ocorra na tradução, por exemplo; “*É possível que ela não o ame?*”²², aqui, a majestade abre dúvidas sobre a situação amorosa de Irene. Ele está refletindo? Poderia ser uma pergunta retórica, uma dúvida honesta ou põe em xeque se ela ama outra pessoa? É exatamente isso o que é feito nas

²¹ “Irene Adler is married,” remarked Holmes. “Married! When?”
 “Yesterday.”
 “But to whom?”
 “To an English lawyer named Norton.”
 “But she could not love him.”
 “I am in hopes that she does.”
 (...)

 —Well! I wish she had been of my own station! What a queen she would have made!
 (Doyle. 1891, p.12).

²² “But she could not love him.” (Doyle. 1891, p.12)

traduções. Na versão da L&PM, ele realmente tem suas dúvidas, por isso questiona Holmes; já na versão da Record, é um pouco mais incisiva, ele afirma com certeza que ela não o ama. Como pode o rei saber os sentimentos da senhora? Mas esse nem é o maior problema, pois logo na sequência, em inglês é usada a expressão “*my own station*”, “*minha posição social*”. Na versão da L&PM, é um pouco mais formal; já a tradução feita pela Record dá o tom do que ele realmente quis dizer, como se Irene fosse uma mulher inferior, que não era do mesmo nível que ele para poder ter o “privilégio” de se casar com a majestade. A dificuldade para as mulheres casarem com homens de classe muito superior era um problema social da época. Como explica as pesquisadoras no excelente “O que é feminismo”

Estas palavras expressam com clareza a relação de poder entre os sexos. Não é de complementaridade e sim de domínio e submissão, de coerção e resistência, que Catão fala. O Direito aparece, assim, nitidamente, como um instrumento de perpetuação desta assimetria, legitimando a inferioridade da posição social da mulher. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 15)

É perceptível a necessidade de não equalizar os gêneros, como se Adler não fosse uma pessoa boa o suficiente. Podemos relacionar com um ponto já abordado anteriormente em que o homem tem a necessidade de conceber a mulher como um objeto: “há, essa não serve para casar”: “Para a autora, em nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto através do sujeito” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 52).

Chegando na Briony Lodge, Holmes, Watson e o Rei da Boêmia viram a residência aberta e a empregada parecia já estar à espera do detetive. Para a surpresa dos três homens, Irene Adler, a essa altura, já tinha ido embora. Desesperados, correram para o local onde as fotos supostamente estavam e encontraram uma foto e uma carta da Sra. Adler para Sherlock. Essa é a carta deixada pela personagem:

“Meu caro Sr. Sherlock Holmes,

Você realmente se saiu muito bem. Enganou-me completamente. Eu não desconfiava de nada antes do alarme de incêndio. Mas depois, quando descobri que me havia entregado, comecei a pensar. Meses atrás me advertiram sobre você. Disseram-me que, se o rei empregasse algum agente, decerto seria você. E me informaram seu endereço. Apesar de tudo, você conseguiu me fazer revelar o que queria saber. Mesmo depois de desconfiar, foi difícil pensar mal de um velho sacerdote tão querido e gentil. Mas você sabe que também fui

treinada como atriz. Disfarces masculinos não me são desconhecidos. Com frequência tiro proveito da liberdade que eles proporcionam. Mande John, o cocheiro, vigiá-lo, corri escada acima, vesti meus trajes de rua, que é como os chamo, e desci assim que você saiu.

Ora, segui-o até sua porta e assim confirmei que eu era de fato objeto de interesse do grande Sr. Sherlock Holmes. Depois, em um ato um tanto imprudente, desejei-lhe boa noite e fui à Temple para ver meu marido.

Nós dois concluímos que, sendo perseguida por tão admirável antagonista, a melhor ação seria a fuga; assim, você encontrará o ninho vazio em sua visita amanhã. Quanto à fotografia, seu cliente pode ficar tranquilo. Amo e sou amada por um homem melhor que ele. O rei pode fazer o que desejar sem qualquer objeção daquela a quem maltratou com crueldade. Guardo a fotografia apenas como segurança, e para preservar uma arma que sempre me protegerá de qualquer medida que ele decida tomar no futuro. Deixo uma outra que ele talvez aprecie; e subscrevo- me, caro Sr. Holmes, Sinceramente,

Irene Adler Norton.”

(DOYLE, 2018b, p.30-31).

Na carta, Irene conta como descobriu o plano do detetive, seus disfarces e que o motivo de guardar as cartas e a fotografia do rei foi apenas para se proteger do rei, pois a prejudicou cruelmente no passado. Finaliza, ainda, mostrando para a majestade que ela ama e é amada por um homem melhor do que ele. Percebendo seu erro, lendo a carta que foi deixada, Holmes dá conta do que realmente era toda aquela situação. O rei ainda fala:

– Eu não lhe disse o quão rápida e decidida ela era? Não teria sido uma rainha admirável? Não é uma pena que não estivesse à altura da minha posição?

– Pelo que vi, ela ocupa realmente uma posição bastante distante da de Vossa Majestade – disse Holmes friamente (DOYLE, 2018a, p.62).

Com tom irônico, Holmes demonstra que Adler é uma pessoa com atitudes acima do rei. Durante toda a narrativa, Irene Adler falou apenas um curto “Boa noite” para Holmes. Só ao final, por meio da carta, ela deixa claro que não vai prejudicar e não quer nada do rei, contrariando as expectativas de todos (inclusive, do leitor, que durante toda a narrativa é guiado pelo olhar masculino que condena antecipadamente a personagem feminina). Sherlock Holmes subestima completamente Adler, pois ele não pensa na possibilidade de ela agir diferente do que ele considera como o padrão atribuído às mulheres. Podemos aprender muito com tudo isso: pré-concepções atribuídas à mulher de maneira única e coletivamente durante toda a narrativa, é a principal lição, no sentido de que ninguém deve subestimar ninguém, pois

todos os seres humanos são capazes de superar os rótulos que a sociedade tenta aplicar, rompendo assim os padrões e papéis historicamente atribuídos à mulher.

Pela primeira vez, o detetive mais famoso da literatura mundial perdeu um caso e isso é curioso. Sabemos como Arthur Conan Doyle descreve seu personagem, suas qualidades são inúmeras. Porém, o que fica evidente, aqui, são as falhas advindas do prejulgamento. Holmes, como um homem de seu tempo, era uma personagem que também tinha seus problemas e preconceitos. A análise feita aqui não pretende difamar o personagem, muito menos a obra. Esse é o ponto: como é fascinante uma obra como essa, centenária, não ter ficado datada, e mais ainda abrindo espaço para interpretações e análises diferentes, o que a escrita de Doyle possibilita. Sendo assim, pela primeira vez Sherlock Holmes perdeu, e perdeu para uma mulher, como ele mesmo se refere no início e ao final do conto “a mulher”. O fato de Holmes ser derrotado por Adler traz justamente uma crítica aos perigos dos estereótipos. Com suas devidas proporções, abre caminho para uma compreensão diferente da figura feminina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade de analisar uma personagem que praticamente não tem falas na narrativa é desafiadora. Irene Adler fala sim ao final do conto, mas durante toda narrativa a senhorita basicamente não entra em cena. Para isso, tivemos que entender o contexto social europeu na qual as personagens estão inseridas e perceber que a cidade de Londres, mesmo governada por uma mulher, não era espaço para que esse grupo da sociedade pudesse ter um ascensão social. De forma geral, o objetivo do trabalho foi atingido, pois foi possível perceber pelos diálogos como a personagem é julgada durante toda narrativa.

Ao final do conto, o leitor é surpreendido com esse “plot twist”, que é uma “reviravolta na história”: é sabido que surpresas no final dos contos de Sherlock Holmes já são esperadas, mas essa reviravolta na história faz o leitor perceber como Irene Adler era julgada. Durante a narrativa, ela é vista como vilã, mas se mostra uma mulher forte e inteligente. Mulheres com esse protagonismo não são comuns em contos dessa época, principalmente vencendo o embate contra uma figura masculina poderosa, o incrível detetive Sherlock Holmes. Muitas vezes, elas aparecem sendo maltratadas e agredidas pelos seus companheiros, sempre em segundo plano, mas Arthur Conan Doyle foi um visionário, um homem que pensava à frente do seu tempo, e mostrou que o preconceito só existe quando a ignorância prevalecer. E, para isso, mostrou que mesmo um homem intelectual e inteligente como o protagonista pode cair na soberba de achar que é superior a alguém.

Toda a narrativa é construída do ponto de vista dos personagens masculino e a forma como Adler rompe com esses padrões é o ápice da história, pois ela mostra para Sherlock, Watson e para o rei como ela estava um passo à frente deles. Assim como o detetive, Adler também era mestre dos disfarces, conseguindo enganar todos. Além disso, Conan Doyle não precisou criar uma situação mirabolante, quase que improvável para solucionar a obra “Deus ex machina”. Irene sozinha mostrou sua inocência, uma personagem fantástica e misteriosa. “Um escândalo na Boêmia” gerou muita repercussão na Inglaterra e ao redor do mundo, pois nunca antes o detetive havia perdido um caso. E ele perdeu o seu primeiro, para uma personagem feminina, ou como ele gostava de lembrar, “a mulher”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARRETERO, Nacho. “**Como esse cara me convenceu de que eu era tonta?**”: o abuso machista que ninguém parece ver. EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/15/internacional/1505472042_655999.html> Acesso em 11 ago. 2022.

CHERNOCK, Arianne. **Happy 200th Birthday To Queen Victoria, The Anti-Feminism Feminist**. wbur. Disponível em: <<https://www.wbur.org/cognoscenti/2019/05/24/happy-birthday-queen-victoria-200-birthday-arianne-chernock>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

DOYLE, Arthur Conan. **A Scandal in Bohemia**. [S. l.: s. n.], 1891.

DOYLE, Arthur Conan. **AS MELHORES HITÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES: Um escândalo na Boêmia**. 978. ed. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018a. (p. 36-63).

DOYLE, Arthur Conan. **Escândalo na boêmia e outros contos clássicos de Sherlock Holmes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018b. (p. 8-32).

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, Ática; 7^a. ed. 2006.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: 2Ed. Brasiliense, (Primeiros Passos, 109). 1983.

SCAGGS, John. **Crime fiction**. London/New York: Routledge, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WALSH, Jim. **A Scandal in Bohemia**. Medium. Disponível em: <<https://medium.com/@ConwayHall/a-scandal-in-bohemia-c7f9e88279b3>> Acesso em: 5 ago 2022.

ZOLIN, L. O. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Revista Letras**, Santa Maria [RS], v.20, n. 41. jul./dez.2010.